

ESPAÇO JORNALISTA MARTINS DE VASCONCELOS

Organização: CLAUDER ARCANJO

CARLOS ALBERTO DOS SANTOS

Professor aposentado pelo IF-UFRGS, professor visitante da UFERSA
cas.ufrcs@gmail.com

UMA VISITA AO MUSEU CURIE

Reprodução



Entrada do Museu Curie, 2023

Depois de algumas viagens a Paris, e de ter escrito muitos textos sobre a história da radioatividade, esta é a primeira vez que visito o Museu Curie. Conheço de cor e salteado aquela região do Quartier Latin, pela imensa literatura científica e por alguns passeios que fiz no entorno da Catedral Notre Dame, do Pantheon e da rua Mouffetard. Mas, sempre uma coisa ou outra me fazia desviar o caminho e terminava não visitando os icônicos locais da descoberta da radioatividade: rua Cuvier, 57, onde em 1896 Becquerel observou o fenômeno que Marie Curie identificou como sendo a radioatividade; rua Lhomond, 12, onde em 1898 Marie e Pierre Curie realizaram suas primeiras e mais importantes descobertas (polônio e rádio); rua Cuvier, 12, onde Marie e Pierre Curie trabalharam a partir de 1904.

Toda essa história se desenvolveu, entre 1896 e 1898, em um raio de um quilômetro, sem que houvesse qualquer contato profissional ou pessoal entre Becquerel (Museu de História Natural) e o casal Curie (Escola Superior de Física e Química Industrial). Em 1909, três anos depois da morte de Pierre, Marie, então professora titular da Sorbonne, criou o Instituto de Rádio (IR). Embora, ao que tudo indica, as tratativas administrativas para a definição do local do IR não tenham tido a participação de Marie, no final tudo resultou em um simbolismo impressionante. Praticamente tudo que tinha a ver com a radioatividade no começo do século 20 ficou concentrado naquele pequeno quadrilátero do Quartier Latin, entre o Pantheon e o Jardim de Luxembourg. Foi um retorno da radioatividade ao seu local de origem. Saí do pequeno laboratório da rua Cuvier, 12, e fui para o extraordinário Instituto do Rádio, no número 1 da rua Pierre et Marie Curie, bem pertinho do número 12 da rua Lhomond.

No miolo da Sorbonne, aquele pequeno quadrilátero é rodeado por imponentes marcos da história científica e cultural francesa. Apesar de mais de dois quilômetros do museu fico o icônico Hospital da Salpêtrière, onde Freud fez sua residência médica. A menos de qui-

nhetos metros o Pantheon; e, para quem gosta de livros, ao lado do Pantheon fica a magnífica biblioteca Sainte-Geneviève. A 500 metros fica a Mouffetard, a rua mais antiga e uma das mais pitorescas de Paris, que os parisienses chamam simplesmente de La Mouffe. A grande quantidade de bares, restaurantes, e o seu mercado de rua, permitem a degustação de toda a culinária francesa, se

preferir, em um único dia.

Até ser construído em 1914, o IR teve que superar turbulências burocráticas e disputas acadêmicas entre o Instituto Pasteur, que desejava ficar com a verba disponível, e a Universidade de Paris, que desejava construir um laboratório para Marie Curie. No final das contas ficou decidido que seriam criados dois pavilhões. O Pavilhão Curie, dedicado às pesquisas

sobre a radioatividade; e o Pavilhão Pasteur, dedicado às aplicações médicas e os efeitos biológicos da radioatividade.

Já o Museu Curie foi criado em 1995, na entrada do Pavilhão Curie, e exibe vários dos equipamentos usados pelo casal Curie e por sua filha Irène e seu marido Frédéric Joliot. Trata-se de um pequeno espaço distribuído em quatro ambientes. Dois

ambientes com fotografias e equipamentos originais, o gabinete de Marie Curie e dos diretores que a sucederam, e o laboratório de química de uso pessoal de Marie Curie. Para chegar ao local, pode-se usar a linha 7 do metrô (estação Praça Monge), a linha 10 (estação Cardeal Lemoine) e a linha RER B (estação Luxembourg).

Para quem tem algum conhecimento da história da radioatividade (<https://www.slideshare.net/casifurgs/a-cinica-de-marie-curie>), aquele lugar tem a força de um santuário. Ali estão os equipamentos usados por Marie e Pierre Curie. São aparentemente simples, mas a engenhosidade com que foram usados provocou uma mudança de paradigma na busca pela explicação da radioatividade, que vinha desafiando a comunidade científica desde fevereiro de 1896, quando Becquerel observou pela primeira vez o fenômeno. Em dezembro de 1897, Marie começou a investigar os raios urânicos, e seis meses depois, com a colaboração do seu marido, decifrou o mistério e descobriu dois novos elementos químicos, polônio e rádio.

Muitos livros sobre a história da radioatividade estão à venda na reunião, entre os quais três preciosidades: "Marie Curie, ma mère", de Irène Joliot-Curie; "Marie Curie et ses filles", de Hélène Langevin-Joliot e Monique Bordry; "Pierre Curie correspondances", organizado por Karin Blanc.



Grade na frente do Museu Curie, 2023



Escritório de Marie Curie



Escritório de Marie Curie



Grade na frente do Museu Curie, 2023



Laboratório de química, de uso pessoal de Marie Curie



Marie Curie em seu laboratório, 1912.
Fotografia de Henri Manuel, em domínio público